

MELLO MORAES FILHO



CANCIONEIRO

DOS

CIGANOS



B. L. GARNIER

EDITOR

Rio de Janeiro



CANCIONEIRO DOS CIGANOS

LIVRARIA B. L. GARNIER

DO MESMO AUTOR

- Curso de Litteratura Brasileira**, ou escolha de varios trechos em prosa e verso, dos melhores autores nacionaes antigos e modernos, seguido dos cantos do padre Anchieta, obra adoptada pelo Imperial Collegio de Pedro II, 1 v. in-8 enc..... 5\$000
- Cantos do Equador**, poesias, 1 v. in-8 br..... 2\$000
- Mythos e Poemas**, nacionalismo, poesias, 1 v. in-8 br..... 2\$000
- Revista da Exposição Anthropologica**, illustrada com gravuras em madeira, 1 v. in-4 cart..... 5\$000
- Poèmes de l'Esclavage et Légendes des Indiens**, traducção franceza da *Revue Commerciale, Financière et Maritime*, com uma luminosa INTRODUÇÃO sobre a escravidão no Brazil, por Ch. Morel.
- Desta obra, favoravelmente acolhida por quasi toda a imprensa da Europa e America, e que valeu a seu autor as boas palavras de Herbert Spencer, Quatrefages, J. Lubbock, Ferdinand Denis, E. Zola, Elisée Reclus, Camille Doucet, Gladston, Ch. Charlier, E. Deleau, V. Quesada, C. von Koseritz, Barão de Tefé, C. de Laet, Oscar d'Araújo, Clovis de Bevilacqua, Felix Ferreira, etc., da qual já se acha publicada, entre outras, a versão hespanhola de D. Benigno T. Martinez, no *El Uruguay*, 1 v. in-8 br..... 2\$000
-

No prélo :

Parnaso Brasileiro, comprehendendo toda a evolução da poesia no Brazil, desde 1556 até 1880, enriquecido de ineditos do Padre Anchieta, da Academia dos Esquecidos, Arcadia Franciscana Fluminense, etc., 2 grossos volumes.

Chronica Geral do Brazil, obra posthuma do Dr. Mello Moraes, contendo todos os acontecimentos, desde a descoberta do Brazil até o anno de 1379, systematisada e publicada por Mello Moraes Filho, 2 grossos vols.

MELLO MORAES FILHO

CANCIONEIRO
DOS
CIGANOS

Poesia popular dos ciganos da Cidade Nova.



A. M.

B. L. GARNIER, Editor

RIO DE JANEIRO

1885

V

B869.08089J497

@ 215

CDC

1885

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume encontra-se registrado

sob número 1991

do ano de 1972

À CH. MOREL

Homenagem ao seu grande talento e sincero
brazileirismo.

Mello Moraes Filho.

CANCIONEIRO DOS CIGANOS

E

A GENEALOGIA DE SEU CHARACTER POETICO

Escrever sobre o cancionero de um povo é contribuir de alguma sorte para a historia de uma raça. Do mesmo modo porque as linguas acompanham o progresso das civilisações, a idéa abstracta, no conjuncto de suas fórmulas, desenvolve-se segundo leis precisas e em absoluto necessarias.

Um Cancioneiro, que representa os sentimentos expansivos e depressivos da alma popular no clima e na zona, em relação com as condições de vida, com o meio cosmico e com as modificações recebidas no meio embryogenico, não póde exprimir uma idéa universal, porém um character especial.

Accrescentai á poesia nativa o alto espirito religioso das populações primitivas, mas particular em suas manifestações sensiveis na ordem do regimen intellectual de cada uma, e tereis a grande

poesia de que todas as outras são variantes no genero, tendentes não obstante a remontar-se ás origens.

O canto popular, que nasce das camadas inferiores, é a primeira segmentação da vida de uma nacionalidade, o despertar do automatismo consciente e livre das nações.

O poeta, que despreoccupado da arte, balança nas rêdes do rhythm agreste a sua canção, que consubstancia o sentimento collectivo, desaparece na anonymidade: seu verso é espontaneo e musical; elle o improvisára para espancar as suas tristezas ou irradiar as suas alegrias, descrever o espectaculo maravilhoso da natureza ou entornar em hymnos su'alma ante o prestigio incommensuravel dos deuses nacionaes.

A tradição oral, que mutila a prosa e a desfigura, transmite com mais fidelidade o verso pela toada: d'ahi o pensamento individual generalizado, cujo écho vem repercutir na historia, reclamando direitos de um povo na humanidade.

Os ciganos, hordas sem culto, sem asylo e sem lar, rodeando todas as civilisações mas sempre fóra dellas, chamados na Inglaterra *Gypsies*, na Allemanha *Zigueuners*, na Hespanha *Gitanos*, na Italia *Zigari*, na Turquia *Tschergerses*, na França *Bohemiens*, e no Brazil, por elles mesmos, *Calons*, têm

em sua poesia alguma cousa que deslumbra como as labaredas reflectidas na tripude das sybillas, e de profundamente impressionavel como uma dôr eterna.

No segredo de sua lingua e de sua procedencia, os seus casamentos, o seu ritual funerario e pompas lustraes, o idéal de seus cantos e o seu typo physiologico, constituem um grupo de caracteres ethnicos, cuja filiação prende-se, atravez do tempo e do espaço, a civilizações de antiguidade remota das quaes elles ainda recordam, como ultimos vestigios, os costumes, os usos, a indole e as superstições.

O pensamento philosophico que basêa suas crenças absurdas foi o mesmo que servio de berço ás religiões asiaticas: — as entidades posthumas que lhes povoam as tendas ou as habitações, o fetichismo em diversos grãos, a magia, a chiromancia, e o governo da familia a que vemos submetterem-se, obrigam-nos a procurar, não nas castas dos pariahs, como pretendem alguns historiadores, afinidades co-relativas, mas nas correntes de immigração descidas das regiões superiores do Nilo e que formaram o imperio egypcio.

Seu vocabulario mythico, seu dualismo barbaro, de que resulta o fetichismo dos contrastes, isto é, os bons espiritos, aquelles que exercem influencias

favoráveis, em opposição aos máos, e dessa alliança surgindo a exorcista, a ledora da boa-aventura, a sacerdotisa feiticeira sem código de moral, tudo revela um estado que se tem perpetuado na persistencia da raça.

Em toda a Europa, como na America, os ciganos têm conservado o mesmo typo, a mesma physionomia nacional; e seus usos e a sua poesia relembram o povo que gravou sua historia no granito de seus monumentos, e as suas crenças religiosas nos symbolos que cercam de pé o sarcophago embalsamado das mumias.

Em *partidas* vagabundas, errando de paiz em paiz, escondem seu lar a vistas estranhas. Seditarios ou nomades, nem por isso as allianças matrimoniaes são permittidas, a não serem com os da sua casta.

Em qualquer clima onde se os encontre, a desconfiança é a mesma, a linguagem identica, os costumes pouco differentes, e su'alma o resumbamento de todas as melancolias. — A sua musica é monotona, a sua voz plangente e nazal, a sua poesia pura como uma hostia, mas humida de pranto como um sudario!

Dir-se-hia que para o cigano o céu é a tampa negra de um esquite, que as estrellas são os pregos de ouro, dos quaes, cada raio, atravessando-lhe o

cadaver, o galvanizam a instantes, para soffrer e morrer.

Como o pio da ave nocturna no profundo dos hypogeus, as suas lembranças são lugubres, os seus cantos lamentosos.

Seguindo desalentados no caminho da vida, a sua psychologia participa de seu systema religioso. O que na comprehensão facil de seus antepassados primava pela amplitude de uma metaphysica engenhosa, nelles rebaixa-se pela essencia quasi perdida de suas crenças e pelas praticas degeneradas das sciencias occultas que exercem, dominados pelo fetichismo africano entre nós encontrado.

Os ciganos, sem esquecer de todo a liturgia primitiva, abrem ainda a serios estudos horisontes vastos, á luz dos quaes intrincados problemas ethnographicos serão com probabilidade esclarecidos.

Traçando um quadro comparativo de sua magia, vemos que o seu ritual resente-se do cunho talismânico e demonologico dos egypcios; dos encantamentos, dos exorcismos, dos sortilegios e do naturalismo, sem duvida anteriores ás doutrinas das religiões mais adiantadas.

No que toca a superstições, ritual funerario, maleficios, pragas, velorios e a um destino diante do qual curvam-se impotentes, tantas são as analogias com o que a egyptologia tem podido colher

das inscripções, que não duvidamos adoptar a opinião dos que os consideram descendentes do baixo Egypto e de lá expulsos n'uma época de que elles mesmos, sem conservar memoria nitida, authenticam, pelas tendencias de seu espirito e pela sua vida externa, reminiscencia vaga, porém inapagavel.

Os ciganos do Brazil são supersticiosos: os augurios sobre elles influem poderosamente, com especialidade nas mulheres, que acreditam portadores de novas determinadas varios seres da creação, e interpretam, com a sua apparição ou rumores, oraculos, raras vezes felizes, na generalidade fataes.

Tratando de criticar o Cancioneiro de uma classe, procurando nessas composições anonymas a indole dessa poesia completamente distincta da nossa, examinemos algumas superstições e usanças, que devem não só fornecer-nos pontos de reparo emquanto á filiação da raça, mas ainda os elementos e a natureza de seu genio poetico.

Na difficuldade de bem comprehender-se essa admiravel inspiração que ahi corre em versos mais ou menos correctos, que se torna tanto mais brilhante quanto sombrio e profundo o pensamento que reveste, destaquemos de nossa CONTRIBUIÇÃO ETHNOGRAPHICA — Os CIGANOS, algumas revelações que nos foram feitas por uma velha cigana,

celebre e temida na sua *nação*, pelo seu poder e acções magicas.

Essa curiosa senhora, que possui como ninguem o segredo das fascinações, e que pretende submeter entidades superiores e demonios á sua vontade, interrogada por nós a respeito dos augurios, passou a informar-nos, da altura de sua merecida reputação, do seguinte, que textualmente reproduzimos :

— « Quando se escuta os estalidos da barata que rói, é que breve haverá *brodio* ;

— « Quando se vê vagar dentro de casa uma borboleta preta, é máo agouro, e para conjural-o é preciso a gente benzer-se e persignar-se tres vezes.

— « O *canto* do sapo significa desgraça tremenda, que trará o lucto a todos, principalmente quando esse animal apparece em casa ou no quintal.

— « O rato que anda de dia na sala, de um lado para outro, indica molestia na familia, barulho, desaverça de parentes.

— « O *grito* do pato é chuva ; batendo ao mesmo tempo as azas, é grande temporal.

— « Quando o grilo canta no quarto de dormir, é que está para chegar algum parente, ou pessoa conhecida e intima. Se o canto é na porta da rua, é que alguém está para fazer viagem.

— « O uivo do cão a deshoras, é agouro : parente que está a morrer ou em perigo, longe de nós.

— « A *risada* da coruja é mensagem da Morte, que escarnece da humanidade. »

A cobra de qualquer especie é tida pelos ciganos como precursora horripilante de acontecimentos fataes.

Qualquer delles, de que damos testemunho, ouvindo pronunciar o nome desse reptil, perturba-se: phenomenos reflexos o accommettem: cospe, súa, empallidece; em pouco sente nauseas, vertigens, calafrios, chegando por tal maneira a desequilibrar-se a innervação do grande sympathico, que, ha casos de syncopes, illusões, allucinações, e como que um delyrio agudo de epylepticos.

Continuando no estudo da psychologia cigana, mais uma analogia se nos offerêce de suas praticas com as fórmulas esculpidas nos monumentos do Egypto e da Nubia — as pragas e a liturgia magica.

Essas pragas eram e são ainda rogadas pelas mulheres da tribu (*runins*), dextras nos termos cabalísticos. As feiticeiras antigas preparavam melhor o scenario, e d'ahi a ascendencia ainda maior sobre a credulidade, que tudo accetava dellas como de labios propheticos de potencias imaginarias.

Eis uma praga das nossas ciganas, ao toque do meio-dia, hora predilecta das conjurações perseguidoras:

« — Pelos chifres do Anjo das Trevas; — Pelas

chammas que o consomem injustamente no Inferno ; — Heide ver-te perseguido : — Na lama, nas arêas gordas, nas ondas do mar... — Até morreres na ponta de uma faca. — Zus! zus! zus!

— Só se o Diabo não foi atirado no Inferno ! »

Estas palavras, acompanhadas de asperções convencionaes, julgavam e julgam ellas serem seguidas de effeitos funestos.

Exconjuro para os sonhos :

— « Vai-te, Filho das Trevas, sonho máo, que surgiste á cabeceira de meu leito ; —Vai-te e cá não voltas ! — Porque se voltares, o Diabo será contigo, como a alma é com o corpo. — Zás! vai-te ! »

Descendentes de troncos antiquissimos, apesando-se ás derradeiras legendas pantheisticas, as populações ciganas adoptam o fatalismo inicial de seus predecessores e d'ahi o tom funebre que resôa á superficie sonora de seu cancionero, e que se entorna em nossa alma como um dobre surdo de finados.

Os ciganos, dominados pelo poder das causas naturaes, reconhecem uma necessidade que avassala os homens, um principio inapercebivel, mas inevitavel — o Destino — o qual lhes tira a liberdade de agir, por isso que os sorpreheende na liberdade da intelligencia, e os transforma em covardes no momento da lucta, do combate pela existencia.

Este systema de philosophia religiosa, creando o Acaso, creou oraculos em cada objecto animado ou inanimado da natureza, e a linguagem mysteriosa das manifestações.

Suspensão entre o mundo physico e o destino, o cigano, em sua vida, como em seus cantos, é um espirito fatalista e por conseguinte resignado.

Intelligente, impressionalista, pedindo ás vezes ás bebidas fortes o esquecimento de suas maguas innatas, o amor da vida lhe é fugace como os seus risos, e o da morte sincero e duradouro como a insomnia do Horto.

« O dia em que eu não soffro
Eu penso que não sou eu ;
Que o meu *eu* se transformou
N'um outro que não é meu. »

Mais adiante :

« A morte, por ser desgraça,
Não deixa de ser ventura,
Pois corta pelas raizes
Males que a vida não cura. »

A poesia amorosa, de concepções delicadas e ardentes, engrinaldada de rosas e jacinthos, é para o *Calon* um meteóro que luz a furto e desaparece rapido.

A sua musa é de uma imponencia sublime vestida de crepe, a sua lyra é devéras inspirada quando

as virações algidas do sepulchro entesam-lhe as cordas, e os dedos hecicos de um phantasma as tangem nas solidões interminaveis de suas saudades ignoradas.

De um lyrismo religioso e subjectivo, visivelmente esmaltado de sentenças como a poesia dos hebreus, o *Cancioneiro dos Ciganos* identifica-se com o ideal egypcio, sobretudo nas *Elegiacas* e *Funerarias*.

Ahi é a alma humana quem falla, é o conceito philosophico que se apura, é a crença dessa immortalidade, que semêa de estrellas a profundez obscura dessas estancias, que só depois de mais de quarenta seculos foram pronunciadas em nossa linguagem!

A terceira parte do livro, e, se é possivel, a mais original, constitue um drama inedito, cujo prologo tem por protogonista a Morte, por interlocutores uma familia em pranto, servindo de còro a essa representação tetrica os ais e as lamentações dos parentes do finado, convivas da desgraça no banquete das lagrimas!

Penetremos essa camara-ardente: é a sala de uma casa de ciganos na Cidade Nova. As portas escancaradas da alcova mostram aos assistentes um oratorio feito de fôfos de panninho amarello, azul e encarnado, com flores da mesma fazenda e côres, guarnecidos de estrellinhas douradas, tudo isso dis-

posto por uma esthetica especial, em volta de uma estampa da Virgem, pregada na parede.

Por baixo ha uma commoda antiga; sobre ella uma toalha de linho, um copo de agua benta, alguns galhos de alecrim, e dous castiçaes de vidro, com cyrios acesos.

A alfazema e o bemjoim crepitam no *defumador*...

Um menino atiza o fogo soprando as brazas, e a fumaça condensa-se em novellos, dissipando-se no tecto.

No centro da sala, com poucos moveis de jacarandá e já arruinados, uma mesa que serve de eça ao cadaver amortalhado em seu caixão.

A viuva corta os cabellos de ébano e os colloca sobre o peito do finado. De pés descalços, desde esse instante, não senta-se mais em cadeira, porém no chão, pelos cantos.

É a penitencia do corpo na penitencia d'alma!
Os convidados, que são todos parentes, chegam...
Soluços... imprecações... ais...

A familia, n'um pranto insoffrido, lamenta, de instante a instante, em toada funebre, recordando os feitos do morto, e suspendendo no ar as suas roupas amontoadas ao lado e seus objectos predilectos...

É a misera no supremo da agonia. Aquelle semblante fatigado das vigílias ao leito do enfermo tem alguma cousa de magestoso e severo ; aquelles braços em semi-circulo sobre os despojos da morte, dissereis as azas de uma visão dos tumulos ; por aquella boca que se abre echôa a voz das sybillas rompendo das faixas do embalsamento.

Ouçamol-a ; ouçamol-os no seu *janhar* (*) que não finda :

— « Oh ! como era bom, quando estava em casa, ponteando á viola. »

Chôro e gemidos entrecortados respondem ao lamento.

Diz um parente :

— « Quando chegava da rua, cansado, que se deitava naquella esteira... »

Uma filha :

— « Vejam o ultimo lenço que tinha na mão quando nos deixou. Ai, ai, ai... »

A viuva :

— « Olhem o chapéosinho delle ; não o botará mais na cabeça. Ai, ai, ai... Que sorte, meu Deus !

(*) Chôro, pranto. Assim chamam elles a esta cerimonia.

— « Minha tia, diz um dos circumstantes, tenha paciência, é este o caminho da verdade.

A viuva:

— « Sim, meu sobrinho, sim. Ai, ai, ai! Venha ver como está; parece que está dormindo. Ai, ai, ai... Meu Deus, que sorte é a minha!

Os parentes, vendo o cadaver:

— « Ah!! ah!! minha tia, como encolheu tanto!

A viuva:

— « Sim, sim, é para crescer no céu. Ai, ai, ai!

Um irmão:

— « Console-se, minha irmã; elle morreu; resigne-se que a resignação é uma prece que cahe nos seios de Deus.

A viuva:

— « Sim, tenho muita resignação; mas a dôr póde mais que a vontade que temos.

Neste interim entra um parente lacrimoso, que vem transmittir os pezames á viuva:

— « Então, prima, morreu o primo!

— « Ah! não, primo; agora é que elle começa a viver.

O primo :

— « Sim, minha prima ; dorme-se melhor para acordar no céu. Ai, ai, ai...

A viuva :

— « Os sapatos que calçava todas as manhãs, depois de os ter engraxado... Ai, ai, ai. Tudo, tudo foi com elle ; até a luz de minha vida com a sua se apagou.

— « Que sorte ! antes as facas me houvessem atravessado, *Duvêl!* (Deus) do que elle ter morrido. »

Assim levam até o amanhecer, sendo interrompido apenas o *janhar* pela entrada de alguma pessoa, o que dá lugar á angustiada viuva — não todas — a fazer considerações a respeito dos soffrimentos, que padecera o marido durante a molestia e durante a agonia.

Então todos lamentam n'um recitativo em tom menor, alteando e abaixando a voz, a serie das alternativas pathologicas até o alento final, o derradeiro suspiro, que nas crenças *calins* é uma escada mystica por onde a alma sobe, e vá viver de novo em companhia dos conhecidos e parentes, que a esperam no céu.

No correr da melopéa, são escriptas e depostas as *mensagens*, em verso, que o defuncto tem de levar para a outra vida.

No meio do alarido, das imprecações, do choro, de vez em quando gritos hystericos, agudos e prolongados, desatam-se dos labios de uma mulher que estrebuxa na sala ou nos corredores, a que as ciganas dão o nome de *certas ancias*.

Depois que sahe o enterro, a casa fica deserta; a familia muda-se para a de um parente que a abriga sob seu tecto pobre, mas hospitaleiro.

Os versos seguintes, commovedores como o vagido dos engeitados que levam á roda, é o soluçar pungente e agradecido do orphão, que caminha abraçado ao joelho da Caridade:

« Perdi a mãe carinhosa
Que tanto me acarinhava!
Que nos meus males afflicta
Chorava quando eu chorava!

« Para carpir sua falta
A minh'alma prantos tem!
Feliccia, chora comigo,
Era tua mãe tambem!

« Quando perdi minha mãe
Eu julguei de succumbir!
Agradeço a meu irmão,
Deu-me forças p'ra sentir! »

O *janhar* dura sete dias, isto é, até o da missa dos suffragios.

Na habitação onde se acha a viuva não mais

se fazem ouvir os tinidos da viola, porém os lamentos acompanhados dos ais da infeliz, que passara da escuridão da pobreza para a escuridão ainda maior da miséria.

Nesses velorios que se podem prolongar por mais tempo, são improvisadas quadras como as que ahí vão (*merendins*), precioso collar de lagrimas enfiado pela morte e rôto pelo soffrimento aos nevoeiros que se condensam das avenidas da eternidade.

Com excepções raras as ciganas conservam o lucto, a menos que não seja contrahindo segundas nupcias, o que difficilmente acontece.

Eis o fundo do *Cancioneiro dos Ciganos*. — De um lado os destroços de uma sociedade decahida por influencias religiosas, e do outro a esperança, o extasis diante do « ser e do não ser » que elles fitam chorando, como a criança o sol atravez das lagrimas.

Naufragos de uma civilisação extincta, boiam indifferentes sobre as ondas que se assoberbam á mercê do destino, e esperam pela ultima, por aquella que os arrojará ás « plagas desse paiz desconhecido, cuja fronteira nenhum viajante repassou ainda ».

Na marcha natural do espirito humano pela

vereda dos seculos, os brilhos dos fogos primitivos se amortecem, á proporção da distancia percorrida.

As lendas, as tradições, os cantos patrios, vão rolando no passado como n'um abysmo: o que era hontem uma crença é hoje um atrazo mental ou uma vesania e nada mais; o que constituia o orgulho de um povo d'outr'ora é no presente uma aspiração evolutiva; a poesia, que era o seu encanto, o seu thesouro, é na actualidade uma cousa insignificante ou ridicula.

Entretanto as gerações succedem-se e o homem retrocede em procura de si mesmo,...

Perdido na duvida, elle evoca todas as suas lembranças; pede a tudo que o cerca um fio que o conduza, uma idéa que o illumine, uma voz que o reconheça!

Um trabalho de reconstrucção começa... — É o espirito que se desdobra nas correntes da historia!

A poesia dos ciganos, de confronto com a poesia dos livros sagrados, apresenta traços de união salientes e de valor. Devido por certo ao seu retrahimento, essa população sem patria reanima com o seu sopro as flammæ de inspiração antiga, que nem o tempo, nem as peregrinações têm podido apagar.

Como nos poetas hebreus, nota-se nos poetas

ciganos uma necessidade evidente de reconhecer um principio interno, uma causa activa, poderosa, intelligente e sensivel, o que dá relevo ás suas composições spiritualistas.

O estylo dos seus cantos populares é na generalidade vigoroso, profundo e melancolico.

O amor para elles é um véo de crepe sobre as esperanças mortas; e a existencia inteira alguma cousa de lugubre como o sequito dos supplicados.

A fórma desses versos é mais ou menos correcta, elegante, e desassombrada do parasytismo de vocabulos; o rythmo é correntio, facil, flexivel e sonoro.

Na maioria das quadras a força do pensamento ajusta-se artisticamente á força da expressão: o sentimento, as imagens novas e proprias, e varias outras qualidades do bello plainam na mesma altura.

Não sendo uma obra individual mas impessoal, tendo por substancia o sentir geral, humano, verdadeiro, de uma sobriedade primitiva e distincta, o *Cancioneiro* confirma que a poesia do Oriente, muito embora transportada para outros ambientes, conserva a mesma physionomia, o mesmo typo caracteristico da raça de onde ella teve origem.

Na visinhança desses nomades, que apparecem em cada paiz como uma ameaça e desaparecem como os pezadellos longos, escutemos os sons pun-

gitivos que elles confiam á viola que plange, mas não aos outros homens.

Ouvis?

Dir-se-hia o *Requiem* de um povo.

— São as obras-primas da agonia e do sentimento!

MELLO MORAES FILHO.



CANCIONEIRO
DOS
CIGANOS



CANCIONEIRO DOS CIGANOS

PRIMEIRA PARTE

LYRICAS

(KAMBULINS)



COM meus amores, ó Jove,
O povo não sei que tem!
Parece que neste mundo
Nunca se vio querer bem.

Depois de encarar teu rosto,
Tendo vida, já morri;
Porém a noite passada
Em sonhos teu rosto eu vi.

Infeliz me considero
Em todos os meus intentos ;
Quando penso achar venturas
Não acho senão tormentos.

Infeliz de quem suspira
Por ganhar premio de amor :
Foge o tempo, foge o gosto,
Em sustos e pranto e dôr.

A arvore do amor se planta
No centro do coração ;
Só a póde derrubar
O golpe da ingratição.

Tenho queixas, não dou provas,
Occulto o meu padecer ;
Mostro o riso, escondo a magua,
Cercado de um desprazer.

A propria mão que formou
O busto da minha fé,
Foi a mesma a derrubal-o
Deixando o desprezo em pé.

Se vires no teu cordão
A flor roxa serenando,
São as flores da saudade
Que te andam procurando.

A Parca pegou na fouce
Para aos meus dias dar fim ;
Porém não fez porque sabe
Venturas não são p'ra mim.

Em amar-te eu projectei
Na vida um mar de bonança ;
Mas teus desprezos fizeram
Naufragar minha esperança.

Quanto mais tempo se passa
Minh'alma mais queixas tem,
Por ella ser offendida,
Sem offender a ninguém.

De continuo ver frustrar
Tanta crença e esperança,
Té de um Deus a fé se perde,
Quem espera e não alcança.

Meu amor para contigo
Não é p'ra ti duvidoso,
Mas é lei do infeliz
Ser em tudo suspeito.

Ter um amor e perdê-lo,
E trazê-lo na lembrança,
Ao seu maior inimigo
Ninguém queira tal vingança.

O cego se entrega àquella
Que o conduz por caridade,
Eu me entreguei sem reparo
Ao rigor de uma saudade.

Se conhece a flor mimosa
Pelo cheiro, no retiro:
Assim se conhece a dôr
Pelo arrojo de um suspiro.

Natureza, tu a todos
Prestaste por liberal,
Só de mim te recordaste
P'ra triste idéa do mal.

Meu coração não respire,
Olha que estás desgraçado,
Pois não podes ser sujeito
A viver atormentado.

Quasi sempre anda em conquista
A natureza e o dever,
Pois nesta terrível luta
Bem me custa resolver.

É sempre p'ra o mal alheio
Que meus olhos prantos têm,
Por ver seguir como a d'outrem
A minha sorte também.

Se souberes compensar
Sagrados extremos meus,
Tu verás os meus caprichos
Se confundirem com os teus.

Piza firme, não receies
Do verdadeiro terreno,
Que o mais é sempre tragaes
Grande porção de veneno.

Desertem de mim lembranças
D'aquelles dias felizes,
Reparem bem qu'inda trago
Bem vivas as cicatrizes.

No scenario deste mundo
Sou bem desditoso actor,
Onde todos colhem palmas
Não me cabe uma só flor.

Nos teus aljofrados dentes
As estrellas se retratam;
Tuas phrases têm perfume,
Os teus risos me arrebatam.

O teu rosto de moreno
Levemente tem a côr,
Para o poder comparar
Não encontro uma só flor.

Não me perdes, inda sigo-te,
Eu não erro o meu caminho;
Eu de rastos te acompanho,
Tu és a mãe de meu ninho.

Entre folhas escolhi
Cicuta, me envenenei ;
Mas tão illudido estava
Que do veneno gostei.

Não é a magua que tenho
Que me ha de devorar,
É o tormento que soffro
De querer dissimular.

O querer dissimular
É do triste a maior dôr,
Pois sem gostar do amargo
Bebe o veneno traidor.

Todos os órgãos s'esfriam
Se padece o coração ;
P'ra conhecer maguas d'alma
Basta um aperto de mão.

O meu rival não tem alma
Nem coração como o meu ;
O que tem é mais ventura,
É mais feliz do que eu.

Em amar-te— resolute
Calquei aos pés a razão ;
Fiz um roubo á natureza
P'ra ganhar teu coração.

Bem males te tenho dado
Sem ter vontade de dal-os,
Porque pizo os teus caprichos
Sem ter pés para pizal-os.

No terreno de minh'alma
Houve grande mortandade :
Morreram glorias, caprichos,
Morreu bem triste a vaidade.

Minha vida representa
Um drama de triste scena ;
Teve por tinta o meu pranto,
O meu gemido por penna.

Natureza, tu succumbes
Unindo amor ao dever.
É loucura! em peito d'homem
Não tens tão grande poder.

Saudade, teu nome é doce,
Parece que nada diz;
No entanto quem te soffre
Nunca pôde ser feliz.

Os espinhos de uma flor
Que extremos meus cultivaram,
Rasgando-me os seios d'alma
Na ferida se entranharam.

Pela dôr que então senti
Triste pranto derramei,
Mas por serem de quem eram
Da ferida não tirei.

A natureza em formar
A flor que chamou-se rosa,
Quiz fazel-a tão perfeita
Que a tornou defeituosa.

Se essa agulha fosse enxada,
Esse lenço terra dura,
Nelle mesmo eu cavaria
Minha triste sepultura.

Nada tenho para dar-te
Mesmo sendo generoso,
Eu nunca tive um desejo
Que não fosse desditoso.

Brilha a flor nos teus cabellos
Como o sol nos horisontes...
De te ver e não gosar
Meus olhos são duas fontes.

Tenho um calix com veneno
P'ra findar minha existencia:
O calix é teu amor,
O veneno a tua ausencia.

Sonho contigo dormindo,
Sonho contigo acordado;
Sonho contigo fallando,
Sonho contigo calado.

Tu te foste e eu fiquei,
O' prenda d'alma querida;
Queira Deus que quando voltes
Inda me encontres com vida.

A honra, a gloria, o prazer
Têm o seu devido templo ;
A dôr, tormento e tristeza
Formam em mim seu exemplo.

Como o poeta ama a flor,
Como o christão ama a cruz,
Eu adoro a tua imagem
Por ver nella a minha luz.

Minha vida foi qual nuvem
De negras côres cercada,
Hoje é céu onde refulge
Brilhante estrella engastada.

Botei-me a chorar saudade
Defronte do meu jardim ;
As flores me responderam :
« Cala, que tudo tem fim. »

Quando a rosa despe as folhas
Não é culpa do cultor ;
Culpem o tempo primeiro
Que foi seu destruidor.

Os ferros d'el-rei são duros,
Mas o de amor é mais forte ;
Para os d'el-rei ha a lima,
Para o de amor só a morte.

De que me serve ter vida
Se não te posso gosar?
Vivo triste dia e noite
Sem te poder adorar.

Eu quizera uma esperança
Inda que fosse enganosa,
Para entreter a minh'alma
Que do mundo é tão queixosa.

Todos têm maguas e penas
Que com o tempo desvanecem ;
As minhas, pelo contrario,
Quanto mais tempo, mais crescem.

Às vezes, 'stando em silencio,
Consulto comigo só,
Não acabei da consulta,
Olhei p'ra mim, tive dó.

Quem não pôde se assemelha
Ao mimoso passarinho
Que lhe cortaram as azas,
Que lhe privaram do ninho.

Quando o manto da tristeza
Enlutecer tua vida,
Tem consciencia que a minha
Já de luto está vestida.

Trago em gelo o coração,
Meu peito não tem calor,
Nas distracções que procuro
Mais se augmenta a minha dôr.

Foi na tua realeza
Que criei soberania,
Me levantaste da quéda
Á proporção qu'eu cahia.

Em sonhar côm a ventura
Mesmo em sonhos fui feliz,
Acordei-me e conheci
Que meu mal vem de raiz.

Fenecem todas as glórias
Se a nossa razão se apura
Na irrisão infeliz
De nossa pouca ventura.

No berço do coração
Eu ninei uma creança,
Essa me foi adversa
Por se chamar Esperança.

Como póde o infeliz
Sem azas poder voar?
É como o triste sem forças,
Com alma p'ra desejar.

Busco em mim mesmo recursos
Para o meu mal esquecer,
Reviver faço esperanças
Que as mesmas já vi morrer.

Quem não nasceu p'ra soffrer
Desafiar póde os fados,
Que os proprios deuses respeitam
Os entes afortunados.

Não toquem na cicatriz
De uma ferida fechada,
Ha um ai quando se apalpa
Qualquer parte magoada.

Venho trazer-te o meu pranto
Já que nada mais possuo,
Por sentir a tua falta
No meu chorar contínuo.

O' vida de minha vida,
Eu bem procuro esquecer-te,
Já que não tenho esperança
De te encontrar, nem de ver-te.

Do zelo cruel veneno
Bebi porção que me mata,
O fogo que me devora
É ser-me a fortuna ingrata.

Vi meus desejos subirem
Aos ferros da guilhotina,
O triste tinir dos mesmos
Bem demonstra minha sina.

Vi morrer minha esperança
Quando se ostentava bella,
Hoje a pena que me resta
Foi eu não morrer com ella.

Este mundo é penha dura
Com veredas escabrosas,
Faz-se mister passos firmes
Ou estrellas luminosas.

Quem vive subordinado
Como eu á lei tão dura,
Nem póde sorrir nas glorias,
Nem chorar na desventura.

Entre caminhos de abrolhos
Me guia a sorte infernal,
Eu deviso o meu abysmo
Na luzerna do meu mal.

Foi por ti que tive glorias,
Foi por ti que a vida amei,
É por ti que tantas dores
No meu peito consaguei.

Meu natural e meu vicio
Se casaram sem vontade,
Deram á luz meu desgosto
Com grande fecundidade.

Plantas ha da mesma especie
Com differença na côr,
Não sei a quem torne a culpa
Se ao tempo, tronco, ou cultor.

Das arvores se aparam galhos
Para melhores nascerem ;
Os meus foram decotados
Para sombra não fazerem.

No mundo de tantas glorias
Vivo eu sempre chorando,
No centro de tantos males
Passa o tempo e eu vou ficando.

Eu caminho sempre triste,
É meu mal meu companheiro,
Inda é mais do que cruel
Que affagando é traiçoeiro.

Vou-me embora para longe,
Porém deixo o coração;
Tome conta d'elle — é guarda
Das portas da gratidão.

—

Vem cá, minha formosura,
Meu delicado jasmim,
Não sei como a dura sorte
Quiz que fosses para mim.

—

Destruir não pôde o tempo
O que a magua faz crescer;
Não posso curar teus males,
Mas sentir é meu dever.

—

Um peito que é magoado
Desterra toda a paixão,
Amor não pôde morar
Onde mora a ingratição.

—

Tenho queixas do meu mal
Por elle me ser traidor,
Por não mostrar na apparencia
O que faz no interior.

—

Às vezes choro em silencio
De mim mesmo condoido,
Quando revivo a lembrança
Do quanto tenho soffrido.

Todos têm o seu prazer,
Nem sequer fingido eu tenho;
O cofre do coração
Cheio de dôres contenho.

O querer e não poder
É verdugo capital;
Desertem de mim lembranças
Que tanto aggravam meu mal.

Se querem que os olhos d'alma
Vertam pranto amargurado,
Debuxem na fantasia
Lembranças do meu passado.

Julguei ter valor de sobra
P'ra resistir ao meu mal,
Não resisto porque sei
Não se liga ao natural.

A minha sorte enfeitada
De perenne brilhantismo,
Deu-me luzes no principio
Para mostrar-me o abysmo.

Minha sorte trovejou,
Um dos trovões me ferio,
Negra ferida incuravel
No meu coração abriu.

Tenho horas que não sei
Se possuo coração,
Se elle existe ou não existe,
Se se desfez na afflicção.

Queria soffrer meus males
Não com tanta vehemencia;
Queria resignar-me,
Soffrel-os com paciencia.

Feridas que d'alma nascem
Nunca mais podem ter cura;
Curar o tempo não pode,
Só as cura a sepultura.

O amor que te consagro
É leal, é verdadeiro ;
Ha-de fugir-me do peito
Fugindo est'alma primeiro.

Eu soffri um triste golpe
No tenro da minha idade,
Soffrerei sem ter allivio,
Pois d'alma perdi metade.

Ao pé da fonte chorei
Por 'star de meu bem distante,
Mas esse pranto comprova
Que sou firme, sou constante.

O cultor que colhe a rosa
Teme o espinho da flor ;
Fica envolvido em certeza,
Fica sem rosa e sem dôr.

O' meu Deus ! cura a ferida
Que o destino me tem feito ;
Que os suspiros de minh'alma
Já não me cabem no peito.

Não nasci em palhas d'ouro,
Porém fui bem educado,
Nos desacertos do mundo
Tenho sido desgraçado.

O' meu Deus! pergunto eu:
Vós também não sois meu pai?
Por que causa os d'outros males
Sobre mim é que recahe?

O pensamento do triste
Traz comsigo uma visão;
Eu não offendo a ninguém,
Offendo ao meu coração.

Até no pranto sou pobre
Porque não posso chorar,
Mas eu sei porque me falta,
— É p'ra não alliviar.

A sorte seccou-me o pranto,
Os meus ais não têm sahida;
Minha dôr não tem pharol
P'ra se tornar conhecida.

Os males que me circundam
São como as ondas do mar :
Atraz de umas vêm outras,
Sem nunca poder cessar.

Os males communicados
São sentidos por metade,
Mas aquelles reprimidos
Estragam sem piedade.

Dizem que o *pito* allivia
As maguas do coração ;
Eu pito, pito e repito
E as maguas nunca se vão.

Em um mimoso jardim
Um passarinho cantava,
A minh'alma de queixosa
Em nada se embellezava.

Creei-me com meus gemidos,
Nelles encontro sabor ;
Eu nunca tive um prazer
Sem ter um fundo de dôr.

Tu és mais que minha mãe,
Mais que meu pai, que meu Deus ;
Tu dás vida á minha vida,
Mesmo com despezos teus.

Duas correntes pesadas
Eu arrasto sem poder :
É uma a do meu capricho,
A outra do meu dever.

O tempo pedio ao Tempo
Que tempo o Tempo lhe dêsse,
Para fazer como o Tempo
Tudo que o tempo quizesse.

Já gosei terna esperança
De estreitar em ternos laços,
Aquella que me affagou
Entre o calor de seus braços.

Quantas vezes me praguejo,
De mim mesmo sou rival,
Quando vejo que seu genio
É a causa do meu mal!

Eu cultivo sete *flores* (*)
Cada qual com mais esmero ;
Eu por ellas dou a vida,
Por ellas a vida eu quero.

Quando cantas, passarinho,
No tronco secco e quebrado,
Symbolisas meu viver
Que canto por magoado.

Quando durmo, te retrato ;
Quando acordo, inda te vejo ;
Mas quando fallo contigo
Só me responde o desejo.

Um suspiro serve ás vezes
Á outro de sentinella ;
Quando um foge, o outro conta
A dôr que a alma flagella.

Fui algemado de flores
Sujeitar-me a teus carinhos ;
Depois que as flores murcharam
Tive sentença de espinhos.

(*) *Filhos.*

Não cantes, triste avesinha,
Tão triste junto a meu leito;
Não confundas teus gorgeios
Com gemidos de meu peito.

De alegres campos, aligero
Cantor eu fui mavioso;
Hoje — pass'ro da espessura —
Meu cantar é lamentoso.

Quereis ouvir os meus cantos?
Cantarei... não como outr'ora,
Que impõe preceito aos meus risos
A dôr que comigo mora.

Canto tristezas e maguas,
Do tempo ido as lembranças;
Canto desgostos e penas,
Canto o adeus das esperanças.

Fundas saudades sem fim,
Perenne fonte de prantos,
Queixas amargas, sentidas,
Explicam hoje os meus cantos.

P'ra não completar-se o goso,
Fôra melhor não gosar ;
Que o prazer dado ás parcellas
Não se póde apreciar.

Tudo na vida é illusão,
Mysterio que ninguem sabe,
É real só o desgosto
Que a todo o vivente cabe.

Infeliz por querer bem
Condemnei-me a eterna lida,
Que ha gosos d'alma maldictos
P'ra proprio escarneo da vida.

Arranquei meu coração
E a teus pés o atirei ;
Tu o pizaste sorrindo,
Mas austero me vinguei.

Eu abracei-me á desgraça,
Guiado por lei fatal ;
Satisfiz a tyrannia
De quem tanto me quiz mal.

Nasci livre, mas escravo
De teus favores me fiz ;
D'um senhor tão generoso
Ser escravo, é ser feliz.

Se a terra se torna ás vezes
Para mim céu luminoso,
É d'elle o sublime astro
Teu coração generoso.

De ninguém ter compaixão
De me ver no mal tão só,
Fiz-me segunda pessoa,
De mim mesmo tenho dó.

De nada vale a cautella,
De nada vale o fugir,
Quando a sorte quer por força
O desgraçado punir.

Quando sólto os meus suspiros
E com tanta vehemencia,
Que com elles se evaporam
Porções de minha existencia.

Quem tiver um amor firme
Não blazone que é só seu ;
Póde vel-o em braços d'outro,
Póde chorar como eu.

Lavo os olhos com meu pranto
Mal desponta a luz do dia,
Quando me acordo e me vejo
Sem a tua companhia.

Perdi tudo quanto eu tinha,
Que me resta agora então ?
— Penas, pobreza, desgostos,
Saudades no coração.

Vi morrer uma por uma
Todas as crenças que eu tinha :
Hoje sem ellas praguejo
Uma vida como a minha.

Entre os alheios prazeres
Tambem me finjo alegrar ;
Suspiros que guardo n'alma
Só nas trevas vou soltar.

Jurei de morrer calado,
Occultar o meu tormento ;
Mas a dôr chegou-me n'alma,
Quebrei o meu juramento.

Pelejava com um mal,
Sem nunca me achar sujeito ;
Quebrou-me a sorte a constancia,
Já me curvo ao seu effeito.

Vejo prescripto por lei
Tudo que nasce ter fim,
Só não vejo terminar
O mal que gerou-se em mim.

Quando julguei que tu eras
A columna de firmeza,
Foste a pessoa mais falsa
Que creou a natureza.

Quem quizer crear amores,
P'ra ninguem desconfiar,
Quando olhar não deve rir,
Quando rir não deve olhar.

No altar do sentimento
O silencio é a oração ;
Quando os labios emmudecem
Melhor falla o coração.

Eu contenho os meus desejos
Rodeado de pezares...
É pena certos caprichos
Se perderem nos azares.

Tu não sentes minha dôr
Porque ella não é tua,
Pois é raro haver quem sinta
Uma dôr que não é sua.

Vejo o raio, ouço o trovão,
Nunca tanto me assustei
Como me assusta a lembrança
De que não mais te verei.

Das formosas açucenas
Que esmaltavam teu jardim,
Eu possui a ventura
De colher uma p'ra mim.

Sinto perfumes de flores,
Contemplo estrellas brilhantes,
Mas não vejo o sol ardente
Que dá vida aos meus instantes.

Na madrugada de amor
Tudo são cravos e lyrios ;
De noite — roxas saudades,
De dia crueis martyrios.

Os meus deuses lá dos céos
Não têm thesouros iguaes ;
Nos olhos de minha amada
Eu diviso um céu de mais.

O meu coração é mudo,
Não falla, não apparece ;
Se o meu coração fallasse
Diria o quanto padece.

Violei do amor as leis,
Ante ellas sou culpado,
Mas pelas penas que tenho
Vive amor de mim vingado.

Sem esperança de um dia
Poder me rir satisfeito,
Vou me rindo para todos
Com um riso contrafeito.

É feliz, é venturoso
Quem logo póde acabar,
Eu como sou desgraçado
Vou morrendo devagar.

Acostumei-me a chorar
Por de ha muito não sorrir,
Estranho ás vezes até
Quando passo sem sentir.

Não sei qual seja o destino
Que os fados me querem dar,
Quanto mais penas eu choro
Mais penas tenho a chorar.

Pensei que vencer trabalhos
Dependesse do valor,
Só vence aquelle que tem
A fortuna a seu favor.

Eu pensei que neste mundo
O sentimento valia,
Usei d'elle sem saber
Que a desgraça o desafia.

Enfraqueceu meu alento,
Duplicou-se o meu sentir ;
Crearam força os meus males
P'ra me fazer succumbir.

Na conta de meus tormentos,
Meu coração — não estales ;
Pois se tu pasmas na somma,
Não posso contar meus males.

O sol, que soberbo nasce,
A flor que em su'haste brilha,
Junto a ti perdem seus raios,
O sol foge, a flor se humilha.

O que mais dura na vida
São os bens que praticamos,
Porque nelles nosso nome
Eternamente gravamos.

Ha quem seja ré de morte
Sem consciencia de o ser ;
Digam, se podem, teus olhos,
Se não nos fazem morrer.

Queria subir ao céo,
Ter com Deus um argumento,
Saber d'Elle para que
Deu aos pobres sentimento.

Quando se abriga a ventura
Em coração sem grandeza,
Retrata um brilhante em trevas,
Sem acção na realeza.

Quanto mais calado estou
Mais a minha pena eu digo,
Porque meu silencio expressa
A dôr que trago comigo.

Em demanda da ventura
Corri tanto que cancei ;
Descoroçoado da sorte
Entre abrolhos me assentei.

Digo ao rio, dessas pedras,
Que corre com mais brandura,
Que não aumente as lembranças
De quem nasceu sem ventura.

As pedras da cachoeira
Uma a uma vão rodando,
Assim vão os meus parentes
Pouco a pouco me deixando.

Com maguas no coração
Tambem vive o potentado,
Quanto mais eu que já 'stou
Com ellas acostumado.

Tantos ais, tantos suspiros
Que se dão pela calada...
Meu coração sabe tudo,
Minha boca não diz nada.

Só se acastellam desejos
Quando não teem rompimento
Se desconfiam da sorte
Por ter triste o nascimento.

Resistir com tantos males,
Não é coragem, meu bem;
É querer ter a constancia
Que os proprios deuses não tem.

Rosa, pede, eu tambem peço
Ao Senhor Desaggravado,
Que glorias conceda áquelle
Que tanto nos tem prestado.

Quiz a minha desventura
Qu'eu fosse flor delicada,
Para agora estar sentindo
Ser da sorte maltratada.

Para uns glorias tamanhas,
Para outros nem pequenas;
Para uns tantos sorrisos,
Para outros tantas penas!

Saudade de um bem perdido

— Que insupportaveis que são
As penas que eu hei soffrido!
Ausencias, vivas lembranças,
Saudade de um bem perdido!

— Eu vivo sem esperanças,
De gloria destituído !
Só tenho prantos, angustias,
Saudade de um bem perdido !

— A impetuosa corrente
Dos prantos qu'eu hei vertido,
Tem origem na profunda
Saudade de um bem perdido !

— Do vasto jardim da vida
Só espinhos tenho tido !
Um delles significa
Saudade de um bem perdido !

— Eu quizera já morrer
Ou nunca ter existido !
Só assim não soffreria
Saudade de um bem perdido !

— É melhor nunca gosar
A posse de um bem querido !
Para depois não soffrer
Saudade de um bem perdido !

Tu és...

Tu és a estrella d'alva,
Eu a nuvem da tormenta ;
Tu o lyrio, eu a saudade,
Que de prantos se alimenta !

Tu és o dia, eu a noite ;
Tu o prazer, eu a dôr ;
— Dá-me luz, dá-me sorrisos,
Dá-me o Céu do teu amor.

Tu és o sol que illuminas
A tudo na natureza ;
Tu és a vida, eu a morte,
Tu a gloria, eu... a tristeza !

Dá, mulher, que um desgraçado
A quem malfadou a sorte,
Possa a vida receber
Das mãos de quem deu-lhe a morte.

Despedida

Partirão ! e assim os fados
Tudo qu' é meu vão roubando !
Até de meus proprios filhos
Vão crueis me separando !

Paciencia! eu nasci triste!
— Tudo ao triste é natural;
Fôra á mim extranha a gloria,
Nunca prantos do meu mal!

Adeus, pois, meus pobres filhos!
Segui o destino vosso;
Já que eu por infeliz
Ter-vos comigo não posso!





SEGUNDA PARTE

ELEGIACAS

(KACHARDINS)

PARA contar os meus males
Meu natural me contem ;
As sepulturas têm flores ,
A minha vida não tem.

O dia em que eu não soffro
Eu penso que não sou eu ;
Que o meu *eu* se transformou
N'um outro que não é meu.

Quando o réo é infeliz
Mesmo com razão tem crime ;
Sua defeza não vale,
Sua innocencia o opprime.

Se houver um ente que soffra
Ainda mais do que eu,
Digam ser meu mal mentira
E zombem do pranto meu.

Soffro ás vezes tantas dôres
Que adormeço soluçando,
A mim mesmo sou contrario
O meu pranto motivando.

Triste ás vezes como a noite
Se torna o meu pensamento,
Porque das glorias que tive
Resultou meu soffrimento.

Quando a morte a mim te roube,
Quem velará sustos meus?
Como hei de viver sem ti,
Como hei de dizer-te adeus?

O meu peito é um paiz
De tormentos povoado,
Lugar d'onde para sempre
O prazer foi desterrado.

O precisar é do triste,
O prestar é do ditoso;
Sente o triste por metade
Se o prestante é generoso.

Quem para mostrar grandeza
A escassa esmola cede,
Em vez de curar agrava
A fraqueza do que pede.

Póde dar largos thesouros
Quem dá por mostrar grandeza;
Mas quem dá por gratidão
Mesmo assim é já fineza.

Até nas flores se encontra
A differença na sorte!
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte!

Heide lutar braço a braço
Com o meu ferino mal,
Até que acendam-se as tochas
Do meu triste funeral.

Eu cultivei uma planta
Que flor e palmas me deu,
Ao depois qu'ella faltou-me
Ninguem mais triste que eu.

Eu chamo existencia aquella
Que tem parte no gosar,
Mas se tudo é soffrimento
Não é gosar, é penar.

Este mundo é mar completo
Com tres estações de dôres:
Nascimento, Vida e Morte,
N'um milhão de dissabores.

Tantos entes neste mundo
Desejam a minha vida !
Sou flor de bella apparencia
Mas dos males perseguida.

Morre-me o riso nos labios
Mal apenas é nascido,
Dura pouco a distracção
No coração que é sentido.

Baptisei a minha dôr,
Puz-lhe o nome de constante,
Foi seu padrinho fiel
Um gemido agonisante.

Quantas vezes um suspiro
Trahe o que noss'alma sente !
— É linguagem de quem vive
Da ventura descontente.

O feliz nunca despreze
O pobre, por desgraçado,
Que brilhos alma não tem
Que possam com a lei do fado.

Grande sabio desabafa
Sua magua em escrever ;
O nescio, pelo contrario,
Desabafa em maldizer.

Tudo é nada, porque tudo
Do nada foi extrahido :
A vida, a existencia, a morte,
São illusões do sentido.

Sou um corpo inanimado,
Existo sem ser ninguém ;
Sou como o órgão vibrante
Que falla e alma não tem.

Quem trahir a boa fé
Nem de Deus espere o bem ;
O condemnado não presta
Nem p'ra si, nem p'ra ninguém.

Sempre soffro, e quando gosó
São tão breves meus prazeres,
Como em sonhos que se esvaem,
Imagens de falsos seres.

As minhas maguas são minhas,
Nem eu as posso deixar ;
Ficarão na sepultura
Se minh'alma as não levar.

O mendigo que impetra
O obulo da caridade,
Talvez que não soffra tanto
Como quem sente a saudade.

A luz de minha esperança
Foi pharol que se apagou ;
Foi passarinho cantando
Que pelo tiro tombou.

Nas manhãs de primavera,
Quando vem rompendo o dia,
Riem-se as flores no prado,
Eu choro minha agonia.

A morte, por ser desgraça,
Não deixa de ser ventura,
Pois corta pelas raizes
Males que a vida não cura.

Minha vida se retrata
Como um tum'lo na apparencia :
Por fóra signaes de gloria,
Por dentro triste existencia.

Cruzaram-se os meus extremos,
Essa cruz foi meu delirio ;
Foi uma fé desgraçada
Quem formou o meu martyrio.

Ha dôres que por agudas
O respirar não nos deixa...
Suffoca a propria existencia,
Morre nos labios a queixa.

Por si mesmo se faz triste
Quem tristes lembranças tem ;
Por erros de pensamento
A alma soffre tambem.

O infeliz só no pranto
Suas maguas allivia:
Trago a noite dentro d'alma
P'ra não mais romper o dia.

Quem não póde é como o verme
Que pelo pó se deslisa,
Que além de ser esmagado
Beija os pés de quem lhe piza.

Bem trabalha o infeliz
P'ra qualquer causa vencer ;
Por diminuta que seja
Bem se expõe a padecer.

A illusão nos faz seguir
Por enfeitados caminhos,
P'ra depois offerecer-nos
Em vez de flores espinhos.

Este mundo é um theatro,
E nós os representantes,
Mas só os felizes podem
Fazer os papeis brilhantes.

São dous batalhões distinctos
A ventura e a desgraça ;
Quem tem praça no primeiro
O seu serviço realça.

Cantei as flores da vida
Embalsamado por ellas ;
Hoje, perpetuas, saudades
Se trocaram por aquellas.

A eterna despedida
Do ser qu'em noss'alma impera,
É como a flor expirando
Ao adeus da primavera.

Ao rigor de tantos males
Até parece impossível
Resistir meu coração
Sendo parte tão sensível.

A natureza institue
Para depois destruir ;
Mais dura lei do que esta
Não pode constituir.

Eu solto tristes suspiros
Oppressos pela tristeza,
Para depol-os com dôr
No altar da natureza.

Admira o coração,
Sendo parte tão corrupta,
Respeitar o senso altivo
Na sua renhida lucta.

Ha males que não definham
Nem com gotteiras de pranto ;
Admira um peito humano
Ter alento para tanto.

É destino, é fado ou sorte ;
Quer seja burla ou verdade,
Não ha quem possa obstar
A mão da fatalidade.

Em completo esquecimento
Collocou-me a cruel sorte,
Sem poupar-me soffrimentos
Recusando dar-me a morte.

Eu sou triste como é triste
Da lua o frouxo clarão
Quando reflecte na campa
De quem viveu n'afflicção.

Sou arvore de nenhum fructo,
Que nenhuma graça tem...
Por falta das circumstancias
Já não sei quem me quer bem.

É feliz esse que diz
Que sua mãe inda tem...
Depois que perdi a minha
Já não sei quem me quer bem.

Eu tive uma causa outr'ora
Que promovia o meu pranto ;
Voltar atraz não desejo,
Mas tenho estranhado tanto.

Ha infelizes no mundo
Que têm pranto p'ra verter ;
Eu nem prantos, nem gemidos,
Que possam meu mal valer.

Como o vampiro da noite
Minha esperança raiou ;
Se ainda goso a existencia
Foi calor qu'ella deixou.

Alma no peito não tenho,
Que ha muito se separou ;
Os movimentos que faço
Foi calor qu'ella deixou.

Um sorriso dos meus labios
Não é sorriso, é gemido ;
É um sorrir obrigado,
É um gemer opprimido.

Um sorriso dos meus lábios
Não é sorriso, é gemido ;
Do sentir mudei a fôrma
P'ra não ser aborrecido.

A tempestade dos males
Que sobre mim desabou,
Varreu-me os prazeres d'alma,
Triste, bem triste a deixou.

Morre, quem deve viver ;
Vive, quem deve morrer ;
Os contrastes deste mundo
Eu não os posso entender.

Deus não creou infelizes...
Os infelizes se fazem...
Mas quem pôde interromper
O destino qu'elles trazem?!

Deus não creou o destino ;
Deus, cruel não pôde ser,
Que sacrifique a innocência
Logo apoz o seu nascer.

Só na morte encontra a vida
Quem na vida a morte tem ;
Por isso eu desejo a morte
Por querer viver também.

Não quero que plantem flores
Sobre a minha sepultura,
Porque flores nunca teve
Quem viveu na desventura.

Na negra eça do peito
Trago morto o coração ;
Meu semblante é epitaphio
Com bem sombria expressão.

Meu passado foi sem glórias,
Meu presente inda é mais triste ;
Até tu mesma, esperança,
Sem pena de mim fugiste.

A saudade tem defeitos
Assim mesmo sendo flor ...
Por parecer-se comigo,
Por igualar minha dôr.

Bem triste foi para mim
O tempo da mocidade :
Foi primavera sem flores,
Foi dia sem claridade.

Deus creou o pensamento,
Encarnou na liberdade ;
Vai a Deus, não é valido,
Custa a crer, mas é verdade.

Meu destino e meu estado
São um contraste terrível,
P'ra poder harmonisal-os
Me tem tornado impossível.

Soffrer e depois gosar,
Gosar e depois soffrer,
Eis o quadro que habilmente
Ao mundo vejo envolver.

Certos pontos luminosos
Que dão brilho á minha sorte,
Têm semelhança com o raio
Que illumina e deixa a morte.

A saudade é flor mimosa,
É flor da minha paixão :
A saudade bem explica
Dôres do meu coração.

Eu sempre digo a minh'alma
Que ao corpo negue o calor,
Que vôle, deixe a materia
Em triste e baço pallor.

Alma no corpo não tenho ;
Minha existencia é fingida ;
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida.

Alto Deus, tudo no mundo
Sublimemente formaste ;
Mas onde a gloria das cruzes,
Do calix que me offertaste ?

A flor de minha esperança
Expandio perrfume santo,
Hoje triste se retrata
No lago que faz meu pranto.

Eu encontrei-me com a morte,
Fallei-lhe, não tive medo;
Porém ella respondeu-me:
« Soffre mais que ainda é cedo. »

Bem cedo vi apagar-se
De minha existencia a luz,
Das saudades que me matam
Carrego pesada cruz.

Minh'alma provou a morte
Na morte de uma esperanza;
Não morreu por immortal,
Mas passou pela provança.

Nas procellas desta vida
Não ha quem bonança gose!
No calix dos soffrimentos
Cada qual tem sua dóse.

Nas cavernas de meu peito,
De martyrios torturado,
Geme afflicto o meu desejo
Como um triste condemnado

Não amar atheu a Deus
É seu crime imperdoavel ;
Mas, quem nelle crê e erra,
No que é nisso culpavel?

Quando o monarcha é guerreiro,
É soberano e soldado ;
No docel abraça o grande,
Na cabana o desgraçado.

Eu com vida me debruço
Às margens da sepultura,
Já que os vivos não consolam
Um filho da desventura.

A virtude sobre a terra
É peregrina andrajosa ;
É martyr que pede esmola
Sempre dos homem queixosa.

Sem ter vida tenho vida,
Vivo, morto vou vivendo,
Vivendo por ter desejos
Para cumpril-os, mórrendo.

A virtude sobre a terra
É no céu recompensada ;
O ciúme, que é perverso,
Tem no inferno morada.

Crava o punhal no meu peito,
Quebra a folha na ferida,
Já que os caprichos da sorte
Deixam minh'alma rendida.

Quando se enflamma o enxote
Suffoca, porém não mata :
Assim é o infeliz
Que a dura sorte maltrata.

Para explicar o que eu soffro
Eu já não tenho expressão,
Trazendo os risos nos labios
A morte no coração.

A virtude em seu zenith
Indiscriptivel se torna ;
É pena quando a ventura
Com seu brilho a não adorna.



Os monumentos baqueam,
A gloria desaparece ;
Mas uma acção meritoria
Ao peito sempre ennobrece.

Quereis um quadro da vida?
Eil-o ! — o dia vem raiando !
Despertam, felizes, rindo,
Os desgraçados chorando !

E é esta a contingencia
Da infeliz creatura !
Soffrer dôres, soffrer penas,
Emquanto a existencia dura !

Mas um Deus que tudo espreita,
Equilibrando a balança,
Abre os seus seios áquelles
Que nelle têm confiança.

Por onde outros males findam,
O meu mal principiou ;
Choro, pois, crueis martyrios
Que nunca ninguem chorou.

O que a Deus nos recommenda
Não são por certo os braços,
Mas sim a constante pratica
De meritorias acções.

Sentir mais do que se deve
Não é acção de entendido,
Mas eu sinto no extremo
Por 'star da sorte offendido.

Infeliz de quem nasceu
Por máo destino guiado,
Ha de chorar sem remedio
Como eu tenho chorado.

O sol, que p'ra todos nasce,
Só para mim se escurece;
Chego a ser tão desgraçado
Que até o sol me aborrece.

Mais vale a tosca palhoça
Onde nella o riso mora,
Do que palacios dourados
Onde no ouro se chora.

Ninguém foge ao seu destino
Por mais esforços que faça,
É mister curvar a fronte
Ao imperio da desgraça.

Mesmo morto desconfio
Que a desgraça em mim se entranhe,
E que na paz do Senhor
Ella minh'alma acompanhe.

O dia de minha morte
Um dia será de menos
Em que eu não prove da vida
Os requintados venenos.

Quem desconfia da sorte
Caminha sempre assustado,
Mesmo nos seios da gloria
Traz o mal fantasiado.

Eu não sou eu, é engano ;
O meu *eu* já s'extinguio ;
Hoje o *eu* que represento
É sombra do que fugio.

Quem não nasceu p'ra gosar,
E só p'ra soffrer existe,
Não deve estranhar a dôr,
Qu'ê patrimonio do triste.

As proprias pedras se ligam
Com as que lhes cabem por sorte;
Só não se ligam ingratos,
Salvo na terra, por morte!

Da vida os primeiros passos,
Quando elles são errados,
Deixam signaes indeleveis
Que sempre serão chorados.

Quando os felizes se queixam,
Os desgraçados exultam;
Pois ao menos nessa hora
Do triste a dôr não insultam.

Ha em tudo tal limite
Que o que passa ou falta, é vicio!
Té acanha a propria planta
Se é demais o beneficio.

Já morri ! não foi de morte,
Que a vida interrompe e finda;
A morte que me ferio
Mais cruel parece ainda.

Foi ella a que matta e extingue
D'alma o gosto de viver,
Que sem nos tirar a vida
Nos faz mortos parecer.

Alem do poder de Deus
Não acho poder nenhum
Com força de remover
A sorte de cada um.

Eu tenho horas na vida
Tão cheias de magua e pranto,
Que sobreviver a ellas
Eu de mim mesmo m'espanto.

Quem chegou por infeliz
A perder as esperanças,
É morto — porque de vivo
Tem bem poucas semelhanças.

Quem tem razões p'ra chorar
Nunca ao seu pranto resiste,
Que ha um limite bem curto
Do prazer p'ra quem é triste.

Por muito que o infeliz
Contra os males se previna,
Ha de passar por aquelles
Que lhe marcou sua sina.

Todos me pedem sorrisos,
Que risos posso dar eu,
Se minh'alma só tem penas,
Se meu corpo já morreu?

Pode acaso ter perfumes
Uma flor que emmurcheceu,
Ou conservar esperanças
Um coração que descreu?

Assim, não peçam sorrisos
A quem p'ra sorrir morreu,
Antes provoquem meu pranto,
Que só prantos tenho eu.

Não sei como inda um sorriso
Póde encontrar expressão
Nos labios de um desgraçado,
Quando é morto o coração.

Perdi de todo a esperança!
Ai, meu Deus, o que farei?
— Chorar com aquellas lagrimas
Que por fé tanto as poupei!

Quiz em mim, a fé, por triste,
Exemplo fatal fazer ;
A fé, que dizem não morre,
Só em mim veio morrer.

Tanto poder contra mim
As desgraças exerceram,
Que os meus naturaes caprichos
Pouco a pouco se perderam.

Quando me virem chorar
Não perguntem a razão,
Que ha dôres que não se dizem,
Só as sente o coração.

Não tem origem as glórias
De acasos que o mundo cria;
São productos poderosos
Do destino que nos guia.

N'um mundo de tantas glórias
Só minh'alma se entristece,
Como a saudade entre rosas
Que em fino jarro amortece.

Que eu possa fugir aos males
Ninguém se anime a dizer,
Pois só os pode evitar
Quem já não tem de os soffrer.

Adormecido entre flores
A minha infancia eu passei,
Hoje que estou acordado
Só entre espinhos me achei.

Eu não desejo riquezas,
Nem desfructar-lhes o gosto ;
Peço a Deus pobreza humilde
Sem remorsos no meu rosto.

Minha dôr toca ao extremo,
Dura lei p'ra mim eu fiz:
Acostumar-me a esquecer
Aquillo qu'eu tanto quiz.

Como não hei-de ser triste,
Como não hei-de queixar-me,
Se de um Deus a providencia
Foi a primeira a deixar-me?

De um tronco de floeos ramos
Que a fortuna acarinhou,
Eu fui um galho enfezado
Que a sorte amaldiçoou.

O mundo é máo julgador,
Não dá razão a quem tem';
Prática contra o direito,
Confunde o mal com o bem.

Condemnou-me a lei do fado
A viver sempre chorando;
Quando as glórias de mim fogem
Entre penas vou passando.

Nas horas d'ermo silencio,
Meu Deus, quando penso em ti,
Por obra tua os meus males
Se consolam entre si.

Oh! morte, porque não vens
Cortar meus dias fataes?
Um infeliz como eu
É bem que não viva mais.

A dôr da morte é immensa,
Soffrel-a eu quizera embora,
Pois não é como a da vida
Que se soffre a toda hora.

Atado ao maior desgosto,
Qual Prometheu da desgraça,
Nos seios de mil riquezas
Minha alma em martyrios passa.

Ha uma especie de plantas
Que vingam sem ter raizes:
Assim são certos sorrisos
Nos labios dos infelizes.

Em cada passo que dou
Minh'alma soffre um desmaio,
Porque me assaltam lembranças
Que fulminam como o raio.

No circ'lo dos infelizes
Eu sou espectro da sorte,
Trago comigo amarguras
E as agonias da morte.

Não sei se é coragem minha
Ou falta de compreensão,
O perceber que a desgraça
Não mata meu coração.

Porque choras tu, meus olhos?
Porque suspiras, meu peito?
Não sabes que ao infeliz
Traz a sorte á dôr sujeito?

Assim, pois, não chores mais
E deixa de suspirar;
Faz um esforço e procura
A ti mesmo consolar.

Não quer o mundo qu'eu chore
Dando provas do que sinto,
Antes prefere que eu ria
Embora que diga — minto.

Ninguém deve neste mundo
De alheias desgraças rir,
Quando o céu troveja — o raio
Não faz ponto onde cahir.

As glórias que julgam minhas
São completos dissabores,
São como os tum'los dourados
Chorando com suas flores.

Muito custa neste mundo
O querer ser bom vivente,
Desejar fazer aquillo
Que a ventura não consente.

Me rio ás vezes forçado,
Meus risos não têm sabor,
Meus instantes de prazer
São misturados de dôr.

Ao calvario da existencia
Vou levando a minha cruz,
Bemdigo o Deus das alturas
Que me dá crenças e luz.

Que a esperança nos deixa,
Bem comprova o suicida;
A saudade é mais constante,
Nunca nos deixa na vida.

Da vida á morte ha um passo,
Nesse passo ha tanto trance
Que até penso que o infeliz
Com a morte não descanse.

Uma outra creatura
Ante os fados eu pareço,
Todos gosam, todos riem,
Eu não góso — só padeço!

Padeço, e Deus sabe como;
Mas assim mesmo a soffrer,
Hei de forçar um sorriso
Para feliz parecer.

E esse sorriso falso
Que a humanidade em mim vê,
Para me ser mais sensível
De glórias o mundo o crê!

E no entanto esse esforço
Que sobre mim mesmo faço,
Em vez de illudir agrava
A cruel dôr que disfarço!

Tive glórias, tive crenças,
Fui feliz, amei a vida ;
Hoje sou flor solitaria
Sobre o sepulchro pendida !

Foste a alma de minh'alma,
A deusa dos meus sentidos ;
Na ausencia em que hoje choro
És a mãe dos meus gemidos.

Cede a crença ao desespero
Quando é de mais a provança,
E' loucura na desgraça
Alimentar esperança.

Os desejos de minh'alma
São pela sorte esquecidos,
P'ra vel-os em tal penuria
Antes não fossem nascidos.

Ai daquelles que perderam
Seu primeiro e santo amor,
Pois nas proprias distracções
Aggravarão sua dôr!

Meu passado foi inglorio,
Meu presente é tão escuro
Que amedrontado da sorte
Já praguejo o meu futuro!

Meu peito é fonte de pranto,
A sorte a sua nascente,
Quanto mais meus olhos brotam
Mais nella avulta a enchente.

Os meus amores perdidos
Que em minh'alma se crearam,
Fazem hoje meu martyrio
Nas lembranças que deixaram.

Uma guerra de exterminio
Tyranno mal declarou-me,
A minha propria esperança
Delle assombrada deixou-me.

Se por acaso os meus olhos
Disfarçam a dôr que sentem,
Trahidos por um suspiro
A si propios se desmentem.

Os meus sorrisos perdidos,
Os meus prazes d'outr'ora,
Quem me dera tel-os hoje,
Sabendo o qu'eu sei agora!

Ser pensante é meu martyrio
Por conhecer o que sou,
Antes fosse pedra ou tronco
Que a terra a esmo creou.

Fui sempre só nos meus males,
Dos meus passei esquecido,
Como se eu fora um vivente
De duras pedras nascido.





TERCEIRA PARTE

FUNERARIAS

(MERENDINS)

Como as aves que vagueam
No seio da noite escura,
Assim serão meus suspiros
Sobre a tua sepultura.

Eu sou triste como o lucto
Que cobre os tenros filhinhos,
Que na pobreza perderam
Da terna mãe os carinhos.

Dizem que almas não morrem,
São immortaes... não têm fim...
A minha faz excepção,
'Stá morta dentro de mim!

Eu sou a tocha do morto
Com a luz já quasi extincta,
Ou como a negra mortalha
Que por preta não se pinta.

Brilhava em céu azulado...
Negra nuvem me toldou...
Por perder quem me seguia,
Minh'alma afflicta chorou.

De tanta terra enfeitada,
A terra que menos brilha,
É a porção que hoje cobre
Os restos de minha filha!

Erguei-vos flores da noite,
Tristes rosas da manhã;
Velem umas sobre as outras
O tum'lo de minha irmã.

Sempre foste minha estrella;
Eu com gosto te seguia;
Na tormenta te apagaste,
Fiquei sosinho e sem guia.

Envolto em tua mortalha
Meu coração tu levaste,
Antes contigo se fosse
A vida que me deixaste.

Morreste silencioso,
De ninguém te despediste;
Do mundo nada quizeste,
Ao mundo nada pediste.

A minha alma não morreu,
Desfalleceu no transporte,
Na occasião do gemido
Que meu irmão deu na morte.

O' minha irmã Felisberta,
Se com a nossa mãe fallares,
Não contes meus soffrimentos
P'ra não lhe dar mais pezares.

Desabrochou de manhã,
De tarde se despedio;
Fiquei na noite sombria
Por onde ella se sumio.

Meu filho, nada te fiz...
Por me faltar a ventura,
Foste pedir agazalho
Na terra da sepultura.

Minha mãe, entre seus filhos
Se lembre de mim um dia,
Que dos ramos que elles formam
Eu sou a flor mais sombria.

Descansa, esposo querido,
A par de Deus tão divino ;
Pede-lhe, sim, que melhore
O meu infeliz destino.

Quando morreu minha Rosa,
O mundo ficou sem luz ;
Porém ficou minha mãe
P'ra carregar minha cruz.

N'um ermo triste, isolado
Eu choro minha orphandade,
Pois assim deve fazer
Quem tem su'alma em saudade.

Eu sou triste como é triste
A sombria parasita,
Que sobre a terra do morto
Sua sombra deposita.

Pede a Deus por tua mãe,
Meu pobre filho querido,
Que sobre a terra ella fica
Com o coração tão sentido.

Da terra voaste ao céu
P'ra gosar a claridade ;
Pede, esposo, ao Creador
Tenha de mim caridade.

Às vezes pareço crêr,
Quando a terra flores dá,
Serem as cópias fieis
Das flores que existem lá.

Sou triste como a caveira
No cemiterio rolando,
Que vai com o correr do tempo
Em negro pó se tornando.

Sobre a tua sepultura
Um frouxo raio da lua
Parece a gotta do pranto
Celeste, na terra tua.

Tu foste nuvem dourada,
Mas o sol te dissipou ;
Como guardavas minh'alma
Comtigo se desmanchou.

No canteiro de minh'alma
Plantei roxa maravilha,
Ao depois que te perdi
Adoro mais tua filha.

Sou triste como a tesoura
Que corta a negra mortalha,
Ou da cova a dura terra
Que sobre o morto se espalha.

Quem chorará no sepulchro
De quem na vida foi só ?
De quem tantas vezes triste
De si mesmo teve dó ?

Quebrem-se os sellos da campa,
De um Deus o poder e brilho ;
Vem, Maria, abençoar
Tua afilhada e teu filho !

Se queres saber se eu choro,
Me empresta a tua mortalha,
Com ella enxuga o meu pranto
E o nosso filho agasalha.

Debaixo da terra fria
Contra o teu rosto de dô,
Mais augmenta a minha pena
O me lembrar que estás só.

As saudades que te trago
Foram da terra arrancadas,
Mas as que tenho por ti
Estão n'alma enraizadas ;

Ao passo que as que te trouxe
Como tu morrem tambem,
Minh'alma por infeliz
Bebe vida nas que tem.

Dorme, dorme, meu bom pai,
Descança onde a estrella brilha,
Que ao throno de Deus irão
As preces de tua filha.

Se morreste para o mundo,
Não morreste para mim ;
Eu seguirei teus caprichos
Até meus dias dar fim.

Os meus prazeres morreram
Quando morreu minha bella ;
Dão hoje causa a meu pranto
Saudades que tenho della.

O' flores que junto á campa
De meu filho vicejaes,
Sêde fieis transmissoras
Dos meus doloridos ais !

Ao filho que a mão da morte
Roubou com desgosto tanto,
Contai as tristezas minhas,
Meu sentimento e meu pranto !

Aqui descansam os restos
De meu filhinho adorado,
— Botão de flor de minh'alma
Tão rudemente arrancado.

Sorriam flores no prado,
Tu lutavas na agonia ;
Antes da tarde morreste,
As flores no fim do dia.

P'ra resistir tua falta
Minh'alma não tem coragem,
Só se illudido pensar
Que não perdi tua imagem.

Se além da sentida morte
O sentimento vigora,
Feliz dos restos mortaes
Que sobre elles se chora.

Foste a arca de esperança,
Foste a flor do meu esmero ;
Depois que p'ra o céu voaste,
Nem arca, nem flores quero.

Já que não posso morrer
Comtigo, minha Adelaide,
Aceita o pranto sem fim
De uma perpetua saudade.

Ao levantar tua campa
Tua imagem esperei ;
Foi illusão do desejo,
Só teus ossos encontrei.

Não são as galas do mundo
Nem os ricos mausoléos,
São a virtude, a constancia
Que elevam almas aos céos.

Nem mesmo sei o que sou
Pela dôr que sinto agora,
Bem pareço a sombra escura
D'um ser que viveu outr'ora.

Tristonha morada, guarda
De meu bem sua figura,
Que os meus suspiros rodeam
Sua triste sepultura.

Cantiga

Tu eras a minha vida,
De tua vida eu vivia ;
Eras a alma, eu o corpo,
A ti a vida eu daria !

Eras a voz, eu o écho,
Só contigo eu existia.

Como a flor que pouco dura
Tu tambem pouco duraste,
E no mar da eternidade
Como a estrella te occultaste.

Como o sol tambem fugiste,
Como um anjo ao céo voaste !

Pobre flor dos meus amores,
Entre goivos te perdeste,
Na solidão do sepulchro
Para sempre emmudeceste ;

Pobre flor dos meus amores
Que tão cedo emmurcheceste !

E dos meus sonhos dourados
De minha passada gloria,
De meus dias de ventura,
De bonança transitoria,

De meu passado ditoso
Só me ficou a memoria !

E tudo fugio contigo,
Comtigo tudo perdi ;
Cerrei os olhos ao mundo,
Porque o mundo eu via em ti ;

Estando em ti minha vida,
Comtigo tambem morri.

N'uma urna

O' ossos de minha amada,
Recebei minha oblação !
Guardo aqui porque não posso
Guardal-os no coração !

Specimens do dialecto calon

DE UMA FILHA Á SUA MÃI

No dialecto calon

Traducção livre

De *mença dáe*, te *jalaste*
Deste *gáu* tão *cachardin* !
Manguêlla ao *Duvel* por *mença*
Que *simo* tão *nachadin* !

Minha mãe, tu foste embora
Deste mundo, entristecida,
Por mim roga ao Creador,
Que fiquei desprotegida.

Quando, ó *dáe*, tu *merinhaste*
Mença também *merinhou*,
Em tanto *nachadifem*
De *mença* tudo *jalou* !

Quando, ó minha mãe, morreste
Comtigo eu também morri,
Entre tantas desventuras
Tudo meu de bom perdi.

DE UM FILHO AO PAI

No dialecto calon

Traducção livre

O' *báto*, tu *merinhaste*,
Tão *chinurrão* eu fiquei !
Manguêlla ao *Duvel* por *mença*
Que por *tuça* eu *manguinhei* !

O' meu pai, tu já morreste !
Tão pequenino eu fiquei !
Supplica por mim a Deos,
Qu'eu por ti já supliquei.

No dialecto calon

Quem se *cimar nachadon*
 Não *requerde cime dâr*
 Que o *rôn quidon requerdando*
Dinhão dabans a mardar.

Tradução fóra da letra

Quem conhecer-se infeliz
 Não falle, esteja callado ;
 Que o infeliz quando falla
 Quasi sempre é castigado !

Tradução ao pé da letra

Quem se conhecer desgraçado
 Não falle, tenha medo
 Que o homem desgraçado fallando
 Dão pancadas de matar !...

No dialecto calon

Te *camellava runin*
Simando bár nachadon,
 Só o teu *babaniþen*
 Me *querdava bravalõn.*

Tradução ao pé da letra

Te queria mulher
 Sendo mesmo desgraçado :
 Só a tua formosura
 Me faria venturoso.



NOTAS

Na chibe (*) dos ciganos, *Kambulins* significa amorosas, lyricas.

Foi esta a classificação que melhor nos pareceu para as quadras de sentir mais sereno e alegre.

Apezar da nota melancolica e popular, ellas só têm de portuguez, como nos disse o eminente jornalista francez e escolhido homem de letras, Ch. Morel, a palavra; porquanto, conclue o mesmo escriptor, depois de ouvir o *Cancioneiro dos Ciganos*: « É o pensamento antigo que desperta do seu somno de seculos! »

É possível que entre estes versos dous ou tres se encontrem tomados de emprestimo ás nossas canções populares, mas unicamente nos da *Primeira Parte*. Emquanto aos das outras são cultos de mais para serem do nosso povo; obedecem a um systema philosophico especial, e caracterisam circumstancias e estados d'alma incompativeis com o nosso meio.

As *Elegiacas (Kachardins)*, mais propriamente — tristes, são producções que primam pelo subjectivismo e pela sentença.

(*) Linguagem gyria, dialecto.

Como na *Biblia* e nas grandes epopéas do Oriente, a simplicidade da fôrma contrasta ahi com uma idéa sempre bella, profunda e grandiosa.

De verdadeiras maximas de philosophia pratica, esta classe poderia servir de appenso aos *Proverbios* e ás obras congeneres da arte oriental, das quaes o *Cancioneiro* fielmente retrata pontos estheticos.

De uma novidade contemplativa e solemne, as Funerarias (*Merendins* ou *Mulondins* *) recordam o *Ritual Funerario* dos Egypcios.

Essas quadras que, como as do livro inteiro, os ciganos cantam á viola, sua confidente intima, têm de particular, emquanto a ethnographia, que não ha uma só inspirada pelo acaso.

Aqui é um lamento ou uma inscripção; ali um verso depositado na sepultura raza ou nas urnas; acolá um pedido por escripto ao morto, ao fechar o caixão, por um parente, um amigo, um irmão, etc.

*O' minha irmã Felisberta,
Se com a nossa mãe fallares,
Não contes meus soffrimentos
P'ra não lhe dar mais pezares.*

Os ciganos da Cidade-Nova, quando a mesma dôr os reune, as modulam em lembrança de alguem que lhes foi caro, e que já não pertence a este mundo.

Como é triste, nessas casas pobres, ver-se á noite grupos de physionomia extranha, mulheres morenas e de olhos divinos, acercados dos toca-

(*) De *mulon*, — defuncto, morto.

dores de viola, carpindo a sua ultima illusão sorvida pelo beijo frio da morte!

Não se pode ler essas estancias sem emoção. Não conhecemos em litteratura alguma poema em que as imagens sejam mais lugubres, a agonia mais funda, e a dôr mais dolorosa!

*Se queres saber se eu choro,
Me empresta a tua mortalha,
Com ella enxuga o meu pranto
E o nosso filho agazalha.*

Da quadra :

*O tempo pediu ao Tempo
Que lhe dêsse o Tempo lhe dêsse,
Para fazer como o Tempo
Tudo que o tempo quizesse,*

eis a variante brasileira :

*O tempo pediu ao Tempo
Que lhe dêsse largo tempo;
O Tempo lhe respondeu :
« Tudo com tempo tem tempo. »*

Como esta, podem existir outras, que não conhecemos.

A authenticidade deste *Cancioneiro* justifica-se pela sua popularidade entre os giganos. Todos sabem de cór esses versos, geralmente improvisados, elevando-se a mais de cinco mil os que ainda se podem recolher dos rapsodias.



OS CIGANOS

CONTRIBUIÇÃO ETHNOGRAPHICA POR MELLO
MORAES FILHO

Todo e qualquer estudo que contribúa para o esclarecimento das populações nacionaes, todo e qualquer esforço para fazer a luz sobre as origens, os costumes, a psychologia de nossas classes populares — deve ser bem recebido e encorajado.

Sim ; a despeito de seus *doutores* e de seus *sabios*, a despeito de seus *grandes* geographos, geologos, ethnologos e linguistas, o Brazil ainda não conhece o seu territorio, nem sabe as filiações das tribus indias e africanas, que lhe constituíram grandissima parte da população.

Sobre estas cousas, em rigor, sabe o que tem podido copiar dos livros dos viajantes e sabios estrangeiros.

As observações e pesquisas directas são entre nós bem parcas, se não mettermos em conta as levadas a effeito por europeus e anglo-americanos, longa ou limitadamente residentes no paiz.

Tomada a ethnographia como base para os estudos historicos e sociaes, quantos problemas não estão ahí a tentar-nos !

O povo brasileiro é o resultado de muitos factores physica e moralmente.

O que devemos aos portuguezes, aos negros, aos indios?

Seria necessario responder a estas questões, e elucidal-as a fundo, sob todos os aspectos. Seria até preciso subdividir cada um daquelles problemas capitaes.

Entre os portuguezes vêr a acção dos ilhéos, dos minhôtos e transmontanos, dos alemtejanos, dos algarvios; suas migrações para o Brazil, as direcções de suas correntes, suas preferencias para estabelecerem-se nesta ou naquella provincia, nos tempos da colonia e ainda hoje.

Praticar o mesmo para com os negros; verificar a acção das diversas tribus africanas; suas modificações no meio americano, suas linguas, sua aptidão intellectual, etc.

Qual a contribuição dos negros da costa oriental e qual a dos negros das costas do occidente? Dos negros do grupo *bantú*, do grupo *felupo*, do grupo *mandê*, etc.? Dever-se-hia responder.

Identico processo para os indigenas. Quaes as raças prehistoricas, e os seus representantes actuaes? E quaes os povos invasores em suas diversas raças, e a contribuição de cada uma dellas?

Feito isto, estariamos muito longe de ter esgotado o assumpto. Restaria ainda e sempre investigar o que devemos aos hollandezes, que senho-rearam durante muitos annos quasi todo o norte do Brazil. A estada dos francezes no Maranhão não deixou alli vestigios de qualquer ordem, não modificou de qualquer fórma as populações daquella provincia?

Quanto a francezes, o que lhes devemos pela acção intellectual de seus livros, de sua litteratura,

que imitamos, de seus costumes, de suas modas, que macaqueamos?

A vizinhança dos hespanhóes nas provincias das fronteiras não actúa em qualquer gráo sobre os povos proximos?

Quanto á hespanhóes, a imitação de sua poesia pelos autores nacionaes no seculo XVII nada influuiu? E o tempo em que pertencemos á Hespanha nada produziu?

As colonias allemãs do Rio Grande, de Santa Catharina, Paraná e S. Paulo não exercem acção alguma? E o contingente italiano, que tende a crescer?

É mister determinar tudo isto, e ainda assim não ficarão exauridos os nossos problemas ethnographico-historicos.

Faltaria, por outro lado, determinar a indole, o character, o impulso das populações mestiçadas, ponto capital de nossa vida de nação.

Todas estas questões constituem um trabalho colossal, que só poderá ser feito aos fragmentos e no decurso de varias gerações.

É o grande estudo da demographia apenas iniciado no Brazil.

Temos prazer em annunciar que o Sr. Dr. Mello Moraes Filho, poeta do nacionalismo patrio, tem entre mãos um trabalho, que será uma contribuição interessante para estes assumptos.

Tomou para objecto de suas pesquisas a raça mais ou menos nomade dos *ciganos*, que são mais abundantes no Brazil do que geralmente se pensa. Não vai fazer um livro de poesia pelo molde dos *Escravos Vermelhos*; em sua nova obra o methodo, o estylo e os fins são muito outros e diversos.

Por pouco que tenham os *ciganos* contribuido para o conjuncto da intuição intellectual das classes mais baixas de nosso povo, ainda assim apresenta um grande interesse o estudo dessa raça, que constitue no velho mundo um dos problemas mais intrincados da ethnographia.

Especialmente na Hespanha e nos paizes slavos os *tziganos* existiram desde os mais antigos tempos em numero consideravel. Mais ou menos mesclados, ou mais ou menos puros, no exercicio de certas industrias, na originalidade de seu viver, na singularidade de sua musica, de suas danças, de sua poesia, elles não deixaram de influir sobre o espirito popular dos slavos e hespanhóes, para não fallar de outras nações.

Têm sido o objecto de uma litteratura inteira; sua lingua, seus costumes, crenças, festas, danças, musica, hão sido o assumpto de muitas publicações interessantes. O ponto mais obscuro é o de sua origem e filiação ethnographica, de suas migrações primitivas.

O Dr. Mello Moraes, no promettido livro, que nada tem que ver com a annunciada *Patria Selvagem* (*Escravos Vermelhos e Escravos Negros*), trata dos seguintes pontos, capitulos da obra:

« 1.º Estudo sobre as primitivas migrações dos ciganos na Europa, e opiniões a respeito de sua origem;

2.º Os ciganos em Portugal; alvarás e cartas régias das *Leis Extravagantes* a seu respeito;

3.º As primeiras levas de ciganos no Brazil, e lugar de suas habitações. As nove familias de ciganos que chegaram ao Rio de Janeiro em 1718, seus nomes e sua distribuição. Os ciganos piratas das

fazendas e vendedores de negros novos e cavallos;

4.º O curro no campo de Sant'Anna. Dansa dos ciganos em presença de D. João VI. O rei confere premios ás mulheres e patentes militares aos homens;

5.º Seu typo e cruzamentos; seus usos, costumes e superstições, influindo nas camadas populares;

6.º O interior de uma casa de ciganos em 1840. Uma serenata. Ciganos do becco do Bem-Bom;

7.º A cigana esposa e mãe. As ciganas que lêem a sina, que rezam de quebranto, mão olhado, erysipellas, etc. Orações e agouros, pragas e malefícios;

8.º Familias de ciganos do bairro da Cidade Nova. O casamento entre parentes proximos, as heranças e a miseria, dando como resultado casos pathologicos;

9.º Um casamento e uma cerimonia funebre. As exclamações da viuva e orphãos. Lamentações;

10.º *O lenço da noiva*, do ritual egypcio, e o quarto de *cinco lenções*;

11.º O segredo e a palavra de ordem para a reunião de *partidas* nos sertões. — Apparição mysteriosa desses bandos, sem que conste dos desembarques;

12.º *Chibe* dos ciganos para escaparem á perseguições;

13.º O sombrio de seus quadros, o luctuoso de suas imagens, e a esperanza n'uma vida futura, de accôrdo com a sua desclassificação social e seu isolamento por indole;

14.º Uma conferencia de duas horas com o Sr. Pinto Noites, o octogenario dos ciganos;

- 15.º Vocabulario e commentos ;
- 16.º Ciganos celebres no Brazil ;
- 17.º A musica dos ciganos. »

As theses são consideraveis, e o valor do livro dependerá do modo como forem ellas resolvidas.

O talento do autor, sua facil intuição poetica, seu gosto pelos estudos ethnologicos, o preparo a que se está entregando para levar a bom exito a empreza, são garantias de que não seremos illudidos. Esperemos pelo livro e então discutamol-o.

Agora seria prematuro adiantar quaesquer duvidas sobre as conclusões do escriptor. Seu tentamen para restituir á uma classe espoliada um lugar entre nossas luctas — é digno de apreço.

Sylvio Roméro.

Rio, 2 de Janeiro de 1885.



ERRATA

Pag. 90. Onde se lê: *Não falle, esteje callado*, leia-se: *Não falle, esteja calado*.

TYP. G. LEUZINGER & FILHOS, OUVIDOR 31

